




Histórias de vida e o Vera

Com o Vera
correndo nas veias



Flávia dos Santos Aidar

Professora (EF nível 3)

A woman with long, wavy hair, wearing glasses, a dark sweater, and a long, light-colored scarf, is sitting on a chair. She is looking directly at the camera with a slight smile. Behind her is a large sofa with a patterned fabric and several decorative pillows. The scene is brightly lit, suggesting an indoor setting with large windows.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e equipe de Recursos Humanos



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Flávia começou a trabalhar no Vera em 1979.
Ela se despediu da Escola em 1995.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

O início de uma construção

Fiz história na USP já com a intenção de ser professora. Era tudo que eu queria desde a minha infância. Acho que já na 7ª série decidi que ia ser professora de História, porque eu tinha uma professora de História que me fascinava, e isso só foi se afirmando ao longo da minha vida.

Quis fazer o caminho de escola pública, porque era mais ou menos natural, assim como, para mim, uma obrigação. Fui dar aula perto da minha casa, por coincidência numa escola boa, e depois no noturno de uma outra escola, também boa. No noturno, era para jovens adultos e, na escola perto da minha casa, para jovens do Ensino Fundamental II. Foi realmente uma experiência que adorei, mas sentia na escola pública, da parte da direção, um certo cinismo ao lidar com a gente, porque eu ficava lá tentando, no mimeógrafo a álcool — a gente se sujava inteira, e eu ia muito mais cedo para imprimir coisas —, rodar fichas especiais e tal, e, aí, a diretora falava: “É uma iniciante. Daqui a pouco você desiste disso tudo”.

Fiquei bem chocada com aquilo, e, aí, coincidentemente, Zilma [de Moraes Ramos de Oliveira], uma orientadora aqui do Vera que se formou em pedagogia com minha irmã mais velha, disse que o Vera estava precisando de professores de História e me indicou. Fui entrevistada por Stela [Mercadante, diretora].

Eu tinha muitas referências boas, e eles queriam uma jovem que tivesse vontade de aprender, porque eles queriam mesmo formar um professor em ação que também pudesse substituir um professor. Eu tinha 25 anos, tinha me formado aos 22, fiz essa trajetória na escola pública e resolvi aprender a trabalhar com educação; acho que não poderia ter caído num lugar melhor. Até hoje, me lembro dessa primeira turma, óbvio.

Dali para frente, foram 17 anos de uma construção que, para mim, tem uma marca muito clara. Quantas vezes tivesse que passar por aquele trabalho, eu passaria, porque foi determinante na minha carreira, me deu desenvoltura, capacidade de olhar para o outro, de entender onde eu estava, inclusive de liderar equipes, como depois liderei. Foi determinante na minha história, na minha carreira. Fico muito feliz em poder revisitar essa história, até porque foi aqui que eu encontrei meu segundo marido, com quem sou casada até hoje. Tive filhos que estudaram aqui, tenho agora netos que estudam, genro que trabalha... É uma extensão da minha vida mesmo. O Vera Cruz para mim é referência.

O desafio e o diferencial dos boletins

Falando ainda dos desafios iniciais, cheguei no Vera porque eu queria aprender a ser uma boa professora. E realmente a

gente tinha um suporte para isso com a assessoria da Maria Lucia [Di Giovanni, depois coordenadora do EM], com quem fiz também uma grande parceria. Falei para um cunhado meu, que é maravilhoso: “Como é que eu vou estruturar os eixos que me vão fazer trabalhar o ano?”. Era uma disciplina que só tinha na 8ª série, OSPB, Organização Social e Política do Brasil, em plena ditadura, mas que o Vera considerava como História do Brasil mesmo. Esse meu cunhado, Celso Favaretto, também teve filho aqui. Elenquei os conceitos estruturantes da área — tempo, espaço, relações sociais — e como isso vai sendo construído. Minha irmã mais velha, que também é educadora — somos uma família de educadores —, me ajudou muitíssimo. Eu ia dormir na casa dela quando tinha os tais boletins, que eram os relatórios que a gente fazia, sobre os quais a gente não aprende na faculdade, não desenvolve esse olhar para o aluno, nem para a própria área de conhecimento.

O desafio dos boletins era: diante dos seus objetivos, do que hoje se chama expectativas de aprendizagem, eu precisaria entender como aquele aluno fez seu percurso do ponto de vista intelectual, das relações no grupo e do ponto de vista pessoal — onde ele estava e para onde foi. Era uma fotografia, quase uma radiografia, porque ela tinha a pretensão de ser mais aprofundada mesmo, de revelar coisas, que, com a gente, pudesse dar para o aluno a experiência de ser visto e, diante daquilo, de poder caminhar com mais segurança, com clareza sobre

o que ele precisava fazer para percorrer seu [trajeto] com mais tranquilidade.

Depois, fui mãe, e é uma maravilha a gente receber como nosso filho está sendo visto no papel de aluno e eu o vendo ali no papel de filho, fazendo contraponto. O boletim é um instrumento muito rico, mas também muito trabalhoso, muito exigente, que a gente só fazia porque acreditava muito nele, por mais que passássemos noites em claro, tendo insônia, precisando de muita ajuda no começo. Um instrumento raro, fundamental. Eu diria até para as novas gerações de professores: façam, porque vale a pena. A gente chora, reclama, mas é fundamental, e é parte dessa metodologia.

Educar é conduzir

O TP [Trabalho Pessoal], que eu apreciava, é uma grande pérola da metodologia do Vera Cruz. Eu achava que era organizador você chegar, ter um tempo, sem essa aceleração. Eu levava muitíssimo a sério o TP, e minhas turmas primavam pelo silêncio mesmo, porque eu achava importante. A gente atendia qualquer dúvida, de qualquer área. No começo, óbvio, isso gera uma insegurança imensa, até porque Matemática, para mim, como para grande parte dos estudantes que, infelizmente, que não tiveram uma escola como o Vera, vira um bicho-papão.

Me lembro que atendi no TP um aluno, não sei se ele queria provocar. “Eu tenho uma dúvida sobre Matemática”. “Então, você me explica qual é a sua dúvida”. E ele disse: “Ah, não entendi nada”. “Tente localizar para mim o que você não está entendendo”. Ele falou: “Olha, era isso aqui, não sei se o raciocínio é por este caminho, por aquele...”. Fui conversando com o menino, e, de repente, ele deu um salto e falou: “Entendi!”. Sentou-se e fez. Realmente, me emocionei. Eu era uma grande defensora e sou do TP como um instrumento de respeito ao ritmo de cada um, como esse espaço do pensar e do resolver, e que o mediador, o professor, pode conduzir, que é bem o sentido da palavra “educar”. Você conduz, não necessariamente você ensina.

Tive alguns alunos ao longo dos anos, sempre na 8ª série, hoje 9º ano, que tinham facilidades imensas na minha área, por exemplo. Faziam quatro, cinco fichas e resolviam o problema. Comecei a sentar com essas alunas (e alguns meninos também) e falar: “O que você precisa para ir além?”. Aí, eu comecei a produzir materiais específicos para essas alunas. Eu achava o privilégio dos privilégios poder ter isso. As aulas coletivas eu também conseguia organizar de um jeito, para mim, muito satisfatório. Eu colocava na lousa o roteiro do que seria a aula, sempre trabalhava com o texto da semana; às vezes, um filme que aprofundasse o tema, uma leitura de um outro trecho, enfim, e a gente fazia aquele percurso. Era realmente como se eu estivesse regendo.

Em alguns momentos, eu tinha uma grande companheira ao longo desse caminho todo, da mesma área, que era a Maria Isabel Junqueira Bastos, a Bel. A gente falava: “Hoje, na aula, se a gente estivesse em um teatro, a gente mereceria ter sido aplaudida em cena aberta”. E, algumas vezes, tive vontade aplaudir os alunos, porque a gente fazia muito trabalho em grupo e eles, às vezes, se superavam nas linguagens diversas que usavam, nos saltos de raciocínio. Eu pegava uma faixa etária que estava realmente elaborando, do ponto de vista da abstração, como a história podia acontecer, quais eram os elementos que faziam a história da humanidade. Muitas vezes, presenciei esses saltos, era um objetivo nosso.

Cada aluno sendo um...

O Vera inaugurou coisas que não vejo muito facilmente em outros lugares. Há inclusive muita coisa parecida no discurso, porque, como tudo no mundo, as mídias vão espalhando falas, concepções, conceitos, tudo meio de orelhada, mas as pessoas vão repetindo, no processo de ensino e aprendizagem, e vão falando sobre as coisas, e não das coisas. Aqui, no Vera, a gente tinha uma experiência da coisa acontecendo. Tanto que, por exemplo, os Estudos do Meio, os quais, na 8ª série, eram o ápice — até porque ainda não havia o Ensino Médio na Escola —, tinham um caminho que promovia e colaborava para que os meninos fossem ganhando situações de ampliação, coletivas,

assim como os boletins, que relatavam uma relação pessoal, mas que tinham a ver com o coletivo. Sempre, o tempo todo, o olhar sobre cada aluno. Ao mesmo tempo, você olhava como estava sua turma. Você se via, inclusive, naquele instrumento: “se todos não aprenderam, eu não ensinei”, ou “se grande parte dos alunos teve dificuldade aqui, é aqui que eu vou rever”. Muitas vezes, foram embates muito interessantes com as várias orientadoras que a gente teve aqui. Essa conversa, essa escola dialogada, era importante.

Nas reuniões, eu dizia: “Esse aluno é brilhante, mas ele não consegue devolver isso nas avaliações, ele está meio ausente”. Eu queria que ele visse que, embora fosse brilhante, ele tinha rendido aquilo que se enquadra no conceito B. Nunca me esqueço de uma das orientadoras que me chamou e falou: “Flávia, será que a gente não consegue entender que ele está passando por um momento difícil? Será que, se ele viesse com gesso no braço, você diria ‘Pode não fazer a prova hoje, que eu tenho outros elementos para avaliar’? Será que ele precisa vir com um gesso na cabeça para dizer que ele não está bem?”. Então, mais um aprendizado. Eu falei: “Não, este menino não está aguentando ter um B. Ele terá A”.

Até me emociono, porque a gente tinha essa troca intensa, que me fez melhor mãe, melhor pessoa mesmo, para olhar com quem eu trabalhei ao longo da vida. Tive uma aluna com

bastante dificuldade em várias áreas. Um dia, eu falei: “Nossa! Ela fez um esforço que não é igual ao daquele menino que tem facilidade na área, mas o esforço dela é quase um A. Essa menina teve um B de conceito”. Não faz muito tempo, me encontrei com ela na rua, e ela me disse: “Flávia, queria que você soubesse que a primeira e única disciplina na vida que eu tive um B foi História do Brasil em OSPB e que, a partir dali, eu fiz uma carreira que devo a você. Fui fazer a história dos bolos e, hoje, sou uma confeitadeira muito bem-sucedida”. Pensei: “Nossa! Como a gente tem uma importância, e como alguns lugares promovem esse espaço para que a gente faça esse exercício!”

... e sendo todos

Acho que a riqueza está em outro lugar, ou em vários outros lugares. Então, por exemplo, o Estudo do Meio, de que eu estava falando como ápice do caminho da educação do 1º grau, na época, culminava com os meninos indo para Minas Gerais por uma semana. Não era passeio, havia objetivos muito claros com cada proposta, e só faziam sentido porque eram ricas daquilo que a gente tinha clareza de que ia buscar.

Em Minas, eles ficavam uma semana. Não é pouca coisa para jovens. Eram cento e poucos alunos. Iam dez adultos animadíssimos, que levavam para Minas a estrutura inteira do Vera. Antes, com Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica], saía

uma kombi com comida e equipamentos, porque a gente ficava em um convento, ficava em quartel. Eram experiências muito ricas. Nós, professores, também aproveitávamos muitíssimo, e eram ricos os encontros nos jantares, nos almoços.

Me lembro bem de um dos Estudos do Meio com um aluno que tinha bastante dificuldade na minha área, pelo menos. De certa forma, era aquele aluno esperto, inteligente, mas que a gente falava: “Tem que empurrá-lo”. No Estudo do Meio, o menino se mostrou com uma inteligência incrível, porque era brilhante nos jogos. A gente fazia campeonatos interestaduais, eram situações bem incríveis. À noite, o convento ficava cheio de jovens da cidade, uma festa, e esse menino se mostrou brilhante. O mais importante foi a formação que todas as áreas aportaram para que aquele menino se constituísse como uma pessoa capaz.

A gente ainda tem — e o Vera me ensinou o contrário disso — uma dicotomia entre intelecto e corpo. A gente é inteira.

Só saí do Vera Cruz porque pensei “Não é justo com a minha filha que vai chegar. Sempre estudou na escola em que a mãe trabalhou, aí vai ser aluna também, bem no Estudo do Meio, com a mãe lá olhando”, porque a minha área era imprescindível. A gente estudava século 18 de uma forma que eu, até hoje, não vi nada melhor. Se a gente tivesse os recursos digitais e

tecnológicos que se tem hoje, talvez fizesse coisas mais interessantes ainda, mas a proposição não envelheceu.

Então, os alunos sonhavam com o Estudo do Meio muito tempo antes. A preparação era uma maravilha. Como a minha área era exatamente a que preparava para o Estudo do Meio, era fundamental que eu estivesse lá. Fui em todos os anos, até grávida de sete meses, porque eu achava primordial a gente trabalhar tudo aquilo, e a gente fazia um preparo muito inteligente, muito interessante. Bel, a companheira da área de Estudos Sociais, e eu fizemos um trabalho de leitura de imagens, de objetos museográficos, preparando-os aqui em São Paulo para as várias linguagens, o que não era e nem é comum. A gente fala, hoje, das várias linguagens, mas a gente trabalhava com música, com arte sacra, com objetos. A preparação também fazia parte do processo, era igualmente estimulante. Então, imagine para um aluno de 8ª série... Ele esperava por isso, era uma culminância; ele saía por uma semana para a região das Minas com outros alunos circulando pela cidade. Dá até emoção. Falando agora, sinto o ar. Porque a gente ia sempre em maio, com um céu lindo, festas religiosas. Era comum a gente encontrar aquele monte de anjinhos circulando por Ouro Preto, para ensaiar na igreja. Era uma coisa mágica, realmente. E eu lá, como mãe e como professora, ia tirar metade da graça da minha filha. Já estava há 17 anos na Escola e pensei: "Meus alunos não merecem que eu

envelheça na frente deles. Eu gostaria que eles tivessem o frescor que eu sempre tive na sala de aula, na frente deles".

A educação como eixo de vida

Eu tinha uma coisa que acho determinante também para a educação: alegria. A alegria é revolucionária, especialmente em um país que tem se mostrado bem mais deprimente do que a gente sempre pensou que fosse. Eu me chamava educadora, não era só professora, e penso que a gente se enriqueceu demais.

Fui muito feliz até a hora em que falei "Eu quero outra experiência", porque evidentemente também cansa trabalhar em um espaço majoritariamente feminino e com os desafios que você conhece repetidamente. Eu queria outras coisas, queria trabalhar em empresa, e já estava com o pé na *Folha de S.Paulo*, trabalhando com leitura de jornal em sala de aula, dentro da *Folha*, em um programa dirigido para escolas. Ele durou um bom período, a gente conseguiu atingir um número bem expressivo. Foi muito legal, porque me deu outra possibilidade de mirar o mundo, dentro de uma empresa jornalística, em um momento estratégico do país, com abertura. A educação tem um tanto de angústia, porque você aposta que está dando certo, que está fazendo o melhor, mas você não necessariamente vê.

Da *Folha*, fui para o Itaú Cultural. Eu olhava para trás: "Nossa, vim lá de Franca, trabalhei, fiz as melhores escolas, a Vocacional, a USP, fui trabalhar nos melhores lugares, o Vera, a *Folha*, que era um grande jornal. O Itaú Cultural foi uma instituição de referência na gestão em que eu estava lá, fez a virada, e me abriu o mundo para as tecnologias digitais.

No Itaú Cultural, fui gerente de uma área de mais de cem pessoas, Centro de Documentação e Referência do Itaú Cultural, que era uma biblioteca em arte e cultura brasileira com produção de materiais com pesquisa e com monitoria nas exposições que a gente produzia. Realmente, alargou completamente meu horizonte. Pude experimentar o papel de gestora de pessoas, de projetos, viajei o mundo inteiro, e, aí, foi realmente uma delícia. Depois, saí para abrir o Educação na Editora Ática, e também foi um outro ganho. Eu fazia assessoria pedagógica das equipes de vendas do Brasil inteiro. Deu outra estatura. Poder falar para o público, poder ter clareza, tudo isso porque fui professora, e fui professora em um lugar que investiu nas potencialidades que eu podia desenvolver e desenvolvi.

Em toda minha carreira, gostei muito de ter feito o que fiz, em todos os lugares, mas penso que, sem ter sido professora, todas essas outras coisas seriam mais difíceis, porque, quando virei palestrante, foi a velha sala de aula que me deu

essa caixa, esse olhar para o outro; liderar equipe é fácil, porque eu sei falar com o outro, sei ouvir o outro, sei conversar. Depois, fui desenvolver materiais didáticos e paradidáticos, numa carreira solo com uma amiga. Já tenho alguns livros publicados, um sobre *fake news*, e vamos trabalhando em várias frentes. Agora, estou escrevendo um sobre formação da educação política como estratégia para os momentos que estamos vivendo, também sempre voltado para o público do Ensino Fundamental II.

No Facebook, montei um canal chamado *Ávida*, sobre o processo de envelhecimento, porque eu não queria envelhecer na frente dos meus alunos, achava que eles mereciam essa alegria renovada, esse vigor, essa formação mais atualizada. Então, fui trabalhar com os mais velhos.

Seis décadas de solidez

Queria fazer uma nota mesmo de agradecimento a Stela e a toda Direção desta Escola, aos coordenadores, com uns mais e outros menos, mas com todos aprendi. Aprendi de mim, porque a gente é um espaço fértil. Gostaria muito, não só nos 60 anos do Vera, que a gente tivesse uma comunidade de ex. Ex-alunos, ex-professores, porque a gente assiste àqueles filmes americanos e fica encantada com a tradição de determinadas instituições, as famílias indo lá apoiar, seja financeiramente, seja nas

festas etc. Ter uma instituição que fala em cima de uma história dessa estatura deveria ser motivo de valorização por parte dos ex-alunos.

Não suporto quando falam mal do Vera, e não é por bairrismo, é que a gente sabe o que é fazer uma educação de qualidade, como é difícil. Não é só recurso, óbvio que passa por aí, mas passa pela qualidade do olhar, pelo entendimento do que é aprender, do que é formar, e quem você está formando. Todo começo de ano nos perguntávamos: "Quem estamos querendo formar?". Isso tudo tinha também muito drama de consciência, porque a gente estava lidando com uma classe alta e, muitas vezes, nós, professores, somos classe média, e ainda mais no meio da ditadura. Esta Escola surgiu e cresceu muito tempo na ditadura. A gente, principalmente os das sociais, se perguntava: "O que queremos aqui? O que estamos fazendo aqui? Quem que eu quero formar? Para quê? Para quem? Que país eu quero?". Me lembro de um grande seminário em que a gente dizia: "Estamos formando a classe dirigente." E essa classe dirigente há de ser sensível a este país. Então, muitas vezes, encontrei ex-alunos em cargos estratégicos, e me pareceram bem formados em todos os sentidos, sensíveis, preocupados socialmente, atentos. Acho que, quando a gente olha para trás, a gente fala: "O Vera continua fazendo isso". Agora, por exemplo, com o projeto antirracista.

Era uma alegria, um orgulho de estar aqui dentro. Uma grife. Daqui para fora, em todos os lugares por onde passei, continuei muito ligada ao Vera Cruz, porque as pessoas perguntavam: "Onde eu ponho meu filho?". Saí do Vera, fui para a *Folha de S.Paulo*. Minha editora depois foi mãe de aluna aqui, amigos meus de lá puseram os filhos aqui, eu era quase uma consultora na área de educação. Encaminhei muita gente para o Vera Cruz por pura convicção. Ouço, às vezes, ex-alunos e mesmo pais fazendo algumas críticas, as mais ácidas ou mais rascantes, e penso que a gente precisa retomar essa alegria, essa percepção de que aqui é um lugar de excelência, e que não quer dizer que a gente não produza equívocos, como toda a atividade humana.

Estávamos em um lugar especial, o que se fazia aqui sempre buscava uma excelência, uma qualidade que a gente não via nas outras escolas. Tanto era referência que, depois, eu passei a fazer formação em muitos lugares e as pessoas tinham as pastas [de material didático] do Vera Cruz como referência, para cópia. Era uma estrutura muito acertada em muitas coisas, e é aquilo que eu também estava dizendo: você pensa que hoje todo mundo está fazendo a escola que está sendo dita, porque hoje está sendo dita muita coisa, mas fazer a escola de verdade é outra coisa. Todas essas escolas bilíngues, trilíngues, eu rio, porque fico pensando que eles estão formando um exército de

CEOs. Mas é preciso ver quantas empresas desse porte temos no mundo para que esses meninos ocupem os lugares, porque é excelência ou nada. Não, aqui a gente trabalha — até falei no presente — com pessoas que são ricas pela diversidade que têm, nem todas vão ser CEOs, nem todas vão ser presidentes, seja de terceiro setor ou do primeiro. Serão pessoas que trabalharão com muita competência, com um olhar para o outro, com uma experiência rica, e isso há de ser valorizado.

Sessenta anos de ikebanas

Acho que vale a pena retomar a diferença entre a Escola Vera Cruz e as outras tantas escolas que aparentemente têm o mesmo discurso, se valem das mesmas referências pedagógicas, sempre falando em trabalho por projeto, em metodologias ativas.

O que eu acho que permanece forte no Vera Cruz, porque é fincado numa história de 60 anos, é a experiência, aquilo que atravessa o corpo da gente e faz todo o sentido. Me lembrou uma história que eu ouvi no Colégio Equipe, quando meu filho foi prestar, na saída do 9º ano para o Ensino Médio, ele quis. Eu achava que, porque tinha bolsa no Vera, não tinha que ser uma escolha automática e preguiçosa, ele tinha que reafirmar a importância e o desejo de permanecer na Escola. Então, ele foi conversar e conhecer outras escolas, dentre elas, o Equipe.

Chegando lá, os jovens estavam fazendo uma experiência, um trabalho em grupo, e, nós, pais, conversando com o outro lado. A diretora de lá, que admiro e prezo muito, dizia assim: “Eu imagino que, para vocês, pais, deve ser difícil fazer a escolha da escola pros seus filhos”. Porque se você for visitar todas, elas têm o mesmo discurso. Todas elas vão dizer maravilhas dos seus processos, das suas metodologias, dos seus objetivos etc., mas poucas farão isso efetivamente. Então, ela disse: “Eu queria que vocês prestassem atenção e observassem que a gente enfeitou a escola com ikebanas; foi nosso professor de Artes que fez esses arranjos para receber vocês. Vocês e seus filhos. E, para isso, ele foi à Casa de Cultura Japonesa, que fica na Cidade Universitária, e perguntou para uma japonesa que o recebeu de quimono se havia algum curso para ikebana e quanto tempo levava o curso. A moça respondeu: “Leva dez anos”. Ele falou: “Dez anos?”. Aí, ela respondeu: “Pois é, dez anos passam, fazendo ikebana ou não”. Isso eu queria dizer sobre o Vera. Sessenta anos passam fazendo uma educação competente, que não é só no discurso.

Embates respeitosos

Lembrei-me de momentos muito especiais e específicos da minha relação dentro do Vera Cruz, ao longo dos meus 17 anos como profissional da Escola. A gente tinha uma relação, digamos, muito próxima. A gente fazia junta a Escola. Mas, de qualquer forma, a

gente foi instada a tomar posições diante de uma Direção que, às vezes, estava dividida; digamos assim, que era uma coisa que a gente olhava para trás e comentava “O Vera Cruz tem no cerne de sua história uma grande disputa, um tanto de divisão que a gente vê”. Hoje, até como mãe de ex-alunos e também como avó de alunos, vejo diferenças nas várias unidades do Vera, e que sejam bem-vindas as diferenças, mas naquela ocasião a gente tinha uma proximidade muito grande, em um momento em que a Escola Vera Cruz fazia parte de um grupo de escolas particulares que comungavam uma mesma identidade pedagógica, que hoje a gente chama de escolas do “vale encantado” na zona Oeste, ou essas que são as *tops*, seja porque têm um projeto pedagógico avançado, seja porque são caras e atendem o mesmo grupo social. Naquela ocasião, as escolas do grupo também se alinhavam do ponto de vista dos salários etc.

Era um contexto mais ativo politicamente, a gente estava brigando pela redemocratização, estava abrindo espaços que, até então, nos eram negados. Então, lá pelos anos 1980 e poucos, estávamos tinindo politicamente. Então, a gente discutia muito sobre nossos direitos, nossos salários, achando que, porque trabalhávamos com uma escola de elite, a gente podia receber como professores de elite, digamos assim. Foi uma iniciativa pioneira; depois, era pensar em expandir esse grupo para as outras escolas que faziam parte também do tal batalhão de elites. E aí a gente, então, fundou a Apevec

(Associação dos Profissionais da Escola Vera Cruz), nos organizando muito bem.

Já não sei se fui a primeira ou a segunda presidente, só sei que eu era bastante ativa politicamente, e nós todos éramos bastante ousados ou, talvez, irreverentes. Hoje, está todo mundo muito mais contido e tudo muito mais bem posto, não no sentido positivo, necessariamente, mas todos remando na mesma direção. Naquela ocasião, era muito bem-vinda esse tipo de contestação. Portanto, a gente batia na porta da Direção reunida, e exigia, digamos assim, ser recebida. Éramos muito bem organizados, de tal maneira que vinha Sônia Bustamante [diretora financeira], por quem eu tenho o maior apreço também, e nos explicava tudo. A gente também resolveu contratar um economista para nos orientar, para fazer uma discussão de alto nível com a Direção. Eram coisas muito inusitadas, infelizmente depois diluídas, mas a gente conseguiu produzir uma experiência política importante dentro da Escola, importante porque a gente tem a dimensão da prática pedagógica, do projeto político-pedagógico e da publicização disso, de tornar pública essa visão política, viver essa visão intensamente no cotidiano profissional da gente.

Emoção revisitada

Fico muito entusiasmada de saber que meus netos Martim e Flora vão para a Escola com alegria. Vejo como eles são

recebidos, do porteiro à sala de aula. O olhar que cada um tem. Também fico ávida para ler os boletins deles, ler o que é que eles estão vendo nos meus netos que eu não estou vendo, ou o que confirma o que enxergo. Tenho segurança de que eles estão bem atendidos; quase todos os dias, levo os netos para a Escola, então, tenho uma relação também com as professoras. Olho a atenção, cada roupa, cada brinquedinho. Uma bobagem que a Flora leva está lá de volta para ela, porque a professora sabe que se ela chegar em casa sem aquilo vai abrir um berreiro. Até mesmo a proposta pedagógica: como é rica, como eu consigo ver quando sou convidada pelos netos e filhos para ir a alguns momentos de exposição dos trabalhos. É comovente de ver, porque vejo do outro lado, e vejo Martim falando: "Vou fazer esse desenho de observação". Óbvio que ele está sendo formado para pensar assim e olhar as coisas, enxergar e traduzir em outra linguagem aquilo que é possível para a idade dele.

Uma escola desse jeito, com 60 anos de trabalho, dia após dia — a gente vê na porta da Escola um monte de gente chegando todos os dias —, me emociona de ver. Por isso, acho que no Brasil a gente precisava aprender a valorizar a história, que foi construída com muitos desafios. Não vamos jogar nada fora, este país não pede que a gente jogue fora. Vamos depurar, mas acolhendo. O Brasil vive em busca do novo e do moderno e repete o antigo de um jeito lamentável. A gente tem que visitar a história sempre para ressignificá-la, para torná-la vigorosa.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

